Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Faculdade de Ciência da Educação e Saúde - FACES

Curso de Psicologia

**Adolescentes e suas perspectivas: sentimentos, relações e papéis na família extensa**

Ana Paula Augusto Faleiro

Brasília - DF

Junho de 2021

Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Faculdade de Ciência da Educação e Saúde - FACES

Curso de Psicologia

**Adolescentes e suas perspectivas: sentimentos, relações e papéis na família extensa**

Ana Paula Augusto Faleiro

Projeto de monografia apresentado à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES), do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) como requisito parcial para conclusão do curso de Psicologia.

Professora orientadora: Profª Ma. Izabella Rodrigues Melo.

Brasília - DF

Junho de 2021

**Folha de Avaliação**

Ana Paula Augusto Faleiro

Adolescentes e suas perspectivas: sentimentos, relações e papéis na família extensa.

Banca Examinadora

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Profª Ma. Izabella Rodrigues Melo

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Avaliador (a):

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Avaliador (a):

Brasília

Junho de 2021

**Sumário**

[**Resumo 5**](#_heading=h.gjdgxs)

[**Agradecimentos 6**](#_heading=h.3znysh7)

[**Introdução 6**](#_heading=h.p89nb4ouf7mq)

[**Objetivos 8**](#_heading=h.tyjcwt)

[Objetivo Geral 8](#_heading=h.btmp585i389s)

[Objetivos Específicos 8](#_heading=h.3dy6vkm)

[**Fundamentação Teórica 9**](#_heading=h.3suwesd5rhd3)

[A construção de Diferentes Arranjos Familiares ao Longo da História 9](#_heading=h.1t3h5sf)

[A Adolescência na Perspectiva Sistêmica: O Indivíduo na Família 12](#_heading=h.4d34og8)

[O Adolescente, a Família Extensa e os Papéis Construídos nessa Relação 14](#_heading=h.2et92p0)

[**Método 17**](#_heading=h.qydi4vdg8pjk)

[Metodologia de Investigação 17](#_heading=h.2s8eyo1)

[Participantes e local 17](#_heading=h.17dp8vu)

[Instrumentos 18](#_heading=h.3rdcrjn)

[Procedimento para Construção das Informações 18](#_heading=h.26in1rg)

[Procedimentos para a Análise das Informações 20](#_heading=h.7z0indtyrta3)

[**Resultados e discussões 21**](#_heading=h.bur9xruviig0)

[Zona de sentido 1: A chegada à família extensa e a relação com a mãe biológica 21](#_heading=h.lnxbz9)

[Zona de sentido 2: a percepção afetiva e organizacional dos papéis familiares. 24](#_heading=h.35nkun2)

[**Considerações finais 28**](#_heading=h.3j2qqm3)

[**Referências Bibliográficas 32**](#_heading=h.violcr5xjvq7)

[**Apêndices 35**](#_heading=h.1ksv4uv)

[Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (para responsáveis) 35](#_heading=h.44sinio)

[Apêndice B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – Adolescente 37](#_heading=h.z337ya)

[Apêndice C - Entrevista Semiestruturada 39](#_heading=h.1y810tw)

[**Anexos 40**](#_heading=h.4i7ojhp)

[Anexo A – Parecer final Plataforma Brasil 40](#_heading=h.2xcytpi)

# 

# Resumo

A família é considerada como o primeiro ambiente de socialização e inserção da criança na sociedade. Com o passar dos anos a definição de família, assim como sua configuração foram tomando novas formas. Diante das diversas mudanças familiares, há casos em que os adolescentes têm sua criação entregue ou compartilhada com a família extensa, o que proporciona novas reestruturações de papéis na família e por vezes também a confusão no exercício desses papéis. A adolescência é um período de mudanças intensas, de questionar o que foi aprendido, de perceber o que deseja para si e de abertura das fronteiras familiares, sendo considerada nessa fase a importância de vínculos afetivos seguros e de qualidade entre ele e seus cuidadores. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi compreender os sentimentos, papéis e relações desenvolvidas entre o adolescente e seus responsáveis/cuidadores quando estes se configuram como membros da família extensa (avós, tios, primos). Os participantes foram escolhidos em uma amostra por conveniência, são 2 adolescentes, ambos do gênero masculino e com 14 anos de idade; os dois estão sob a responsabilidade da família extensa (sob os cuidados da avó, irmão e tios). Para coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Foi utilizada a metodologia de investigação qualitativa construtivo-interpretativo. A análise de dados se estruturou em 2 zonas de sentido, elucidando a chegada à família extensa e a relação com a mãe biológica, e a percepção afetiva e organizacional dos papéis familiares. Percebe-se que, apesar de contextos e momentos de vida semelhantes, houveram algumas diferenças de expectativas e adaptação entre os participantes. Apesar da instabilidade dos papeis em um dos casos, ambos estão sob cuidado de pessoas que assumiram de fato a responsabilidade sobre eles.

**Palavras-chave:** família extensa, responsáveis, cuidado, adolescentes, tios.

# 

# Agradecimentos

Esse trabalho é resultado de um longo caminho que não trilhei sozinha. Aqui registro meus agradecimentos que considero ser pouco, diante de tudo que me foi oferecido por eles até esse momento.

Agradeço primeiramente aos meus avós, Geraldo e Maria Helena, que não me geraram, mas me deram a vida desde o meu abrir de olhos, me acolheram e me amaram. A eles mais do que o agradecimento pelo apoio para chegar até aqui, mas por me ensinar que o mundo pode ser melhor se nos também formos, que caráter e responsabilidade são importantes, que família é quem cuida, que o amor existe e que não precisamos estar sós.

Ao Kadu, que passou noites acordado ao meu lado para apoiar minhas produções acadêmicas, por me acalentar quando eu já não achava ter capacidade de continuar, por me alimentar nas noites em frente ao computador e cuidar de tudo para que meu caminho fosse mais fácil. Por me ensinar que o amor entre um casal não precisa ser difícil, que pode ser aconchego, cuidado, compartilhar, respeitar e sempre evoluir.   
 A Simone, minha mãe, por não deixar de estar ao meu lado nem por um segundo quando eu precisei, por todo esforço feito para que eu me formasse, por ter feito o sonho de me tornar psicóloga possível. Por me ensinar que a paciência é uma dadiva e que preciso sempre exercitar a minha.

Ao meu pai que se esforçou para tornar meu sonho possível.

Ao meu irmão João Henrique e minha prima Natalia, que me inspiram todos os dias a querer fazer, para eles, do mundo um lugar melhor, com mais amor, respeito e cuidado. Que mesmo com tão pouca idade estiveram ali por mim sempre oferecendo generosamente seu carinho, acolhimento e ajuda.

A todos que considero minha família e aos amigos que foram suporte para meus dias ruins, e companhia para os dias bons, a eles que foram por vezes os responsáveis por palavras que me traziam ânimo e força.

Por último, mas não menos importante, um agradecimento que engloba algumas pessoas já citadas. Agradeço a todas as mulheres que fazem parte da minha vida, a minha mãe, sogra, avó, tias, primas, professoras e psicóloga. A elas que me cercam com todo amor do mundo, que já traçaram batalhas que pareciam invencíveis, que se colocaram como escudo para mim e que mesmo quando já não tinham força para si, me deram força para seguir. A elas que são o sinônimo de força e coragem, que me ensinam todos os dias que nossa união deixa a carga mais leve e o caminho menos difícil. Que me ensinaram a olhar com mais carinho para mim e minha trajetória e abrem horizontes para que outras mulheres possam também ascender.

# Introdução

A família é o primeiro ambiente de socialização da criança, sendo fundamental para o seu comportamento e desenvolvimento saudáveis (Cardoso & Veríssimo, 2013). A família é vista como um microssistema responsável pela inserção dos indivíduos na sociedade, assumindo diferentes estruturas no decorrer da história. Atualmente, novas configurações familiares têm dado lugar à definição de família como algo além da consanguinidade, ou seja, novas estruturas têm se organizado e o sistema familiar tem sido compreendido a partir da afinidade, coabitação e parentesco, evidenciando como um dos critérios usados, as relações afetivas entre os membros (Morais, Lima & Fernandes, 2014).

Considerando os relacionamentos intergeracionais que ocorrem na família, observamos também que as características apresentadas por um indivíduo podem ser indicadores não somente da sua singularidade, como também da influência do funcionamento sociofamiliar. É necessário considerar os papéis que os indivíduos exercem dentro desse sistema e suas reorganizações em função das mudanças estruturais, como um novo casamento, a chegada de filhos ou de outros membros, a saída deles, as separações, a mudança de idade, e o falecimento. Em muitas dessas situações, o esperado é que os indivíduos assumam novos papéis, evidenciando um desenvolvimento geracional (Camicia, Da Silva & Schmith, 2016).

Ao chegar na fase da adolescência, o indivíduo assume novas posições dentro da família e em outros relacionamentos socioafetivos. O sistema familiar com o adolescente é interdependente de outros microssistemas. Isto significa que não há como olhar para o sujeito sem considerar tudo ao seu redor, como amigos, escola e sociedade (Morais, Lima & Fernandes, 2014). A adolescência é considerada como um momento de transição, no qual o indivíduo busca sair da zona da infância para identificar-se como adulto. Tem como base nesse processo a influência de suas vivências, passando por um processo de mudança amplo, no qual há uma busca por si mesmo, por novas funções e papéis e o encontro com novas características biológicas (Bretas, Ohara, Jardim, Junior & De Oliveira, 2011).

O momento da adolescência vem carregado também de uma série de críticas ao que lhe foi ensinado, como as normas e os limites. É um período de reconhecer aquilo que deseja de fato levar para si do que foi aprendido. Pode ser um momento acompanhado de dor e angústia. É esperado que nesse momento a família se reorganize, permitindo que o adolescente desenvolva sua autonomia e exerça novos papéis (Reichert, 2011). Não é incomum que nesse período conflitos não resolvidos surjam entre os cuidadores/responsáveis e os adolescentes, os quais refletem padrões de relacionamento transgeracional (Preto, 1995).

Tendo como aporte teórico e conceitual a Teoria Sistêmica, o presente estudo tem como objetivo compreender a relação do adolescente com seus responsáveis/cuidadores - quando estes se configuram como membros da família extensa (avós, tios, primos) - e quais sentimentos e papéis são assumidos e exercidos nesta relação. Entende-se que o rearranjo familiar gera sentimentos conflitantes e necessidade de adaptações, evidenciando a indispensabilidade de olhar para esse fato de maneira atenta e sensível. Surge como questão da pesquisa, se há nesse contexto a comparação feita pelos adolescentes entre a a criação pela família nuclear e a extensa, evidenciando possíveis diferenças. Diante desse contexto surgem algumas inquietações, como: quais são e como são exercidos os papéis dentro da família extensa? Quais os aspectos protetivos encontrados pelo adolescente neste contexto? Quais os sentimentos gerados no adolescente nessa relação? Quais as diferenças em relação à criação exercida pelos pais biológicos? Como percebem isso?

Entende-se que essa pesquisa pode ser de grande auxílio para se entender as influências e resultados gerados na vida do adolescente que se encontra neste tipo de configuração familiar, a qual se faz tão presente no atual cenário social. Oferece a possibilidade de ter um alcance para além do contexto da psicologia, atingindo diversos outros contextos e profissionais que atuam na área familiar e de adolescentes, de modo a contribuir para um melhor atendimento a esse público.

# Objetivos

## Objetivo Geral

Compreender os sentimentos, papéis e relações desenvolvidas entre o adolescente e seus responsáveis/cuidadores quando estes se configuram como membros da família extensa (avós, tios, primos)

## Objetivos Específicos

* Investigar os sentimentos e vivências do adolescente em relação à família extensa;
* Descrever como o adolescente percebe a relação com a família extensa;
* Investigar o impacto das atribuições de papéis feitas ao adolescente na família extensa e aos papéis exercidos pela família extensa;
* Analisar as expectativas do adolescente em relação aos papéis desempenhados pela família extensa;

# Fundamentação Teórica

## A construção de Diferentes Arranjos Familiares ao Longo da História

A família é vista como a principal célula social. A maioria dos indivíduos tem histórias que surgem desse ambiente, independente de qual configuração sua família apresente. Ao longo da história, a configuração familiar foi se modificando. A estrutura denominada como família tradicional, onde as uniões eram feitas com o objetivo de transmitir patrimônio através de casamentos arranjados, teve sua fase anterior ao século XVIII. Com o passar do tempo, mais especificamente ao final do século XVIII, os movimentos feministas e inserção da mulher no mercado de trabalho reestruturaram a maneira de se relacionar dos casais heterossexuais, com a idealização do amor romântico e escolha do cônjuge, ainda que focada na autoridade da figura masculina (pai/homem); sendo denominada como fase moderna. Ao final dessa linha do tempo imaginária, fica a família contemporânea, que se desenvolveu a partir 1960, ainda apresentando traços dessas configurações antigas, contudo apresentando mudanças como, a possibilidade de escolha dos cônjuges, objetivo de união afetiva e sexual, e partilha de responsabilidades, funções e papéis. É importante ressaltar que a família como já descrita é fluida, recebe influência da cultura, demografia e classe econômica (Neto, Ramos & Silveira, 2016). Portanto o que se apresenta aqui é um recorte do tema.

É possível observar que as razões pelas quais as pessoas se uniam e formavam o que chamamos de família já apresentou diversos parâmetros para definir a união de seus membros; as diversas formas de surgimento de uma família emergem justamente do meio social e a partir de suas transformações. Devido à extensão do nosso país, é de extrema dificuldade definir um único padrão para o que é uma família e quais são as configurações principais (Morais et al., 2014). Contudo, nota-se que, mesmo diante das diversas mudanças, mesmo percebendo ao longo do tempo que os papéis têm se reestruturado e novas configurações familiares surgido, ainda persiste, no imaginário social, noção de que a família nuclear tradicional é o principal arranjo familiar, sendo ela composta por dois indivíduos adultos heterossexuais e seus filhos, comumente assumindo os tradicionais papéis de o pai como provedor, a mãe como cuidadora do lar e dos filhos, e somente aos dois o direito de regras e fala (Amazonas, Damasceno, Terto & Silva, 2003).

Considerando a cultura em seus aspectos micro e macrossociais e suas transições, observam-se as mudanças que ocorrem, como maior participação da mulher nas questões financeiras, a diminuição da quantidade de filhos, maior número de separações e as novas e diferentes formas de exercer e compartilhar as funções parentais em relação às crianças e adolescentes (Morais et. al., 2014). As mudanças no que é o papel de pai, também contribui para a maior participação do pai como ser afetivo e de cuidado (Benezik, 2011). No contexto atual de maior independência financeira da mulher e altos índices de divórcio, não é incomum encontrarmos em crescente no Brasil o arranjo monoparental, no qual apenas um dos membros assume o sustento e cuidado da família (Yunes, Garcia & Albuquerque, 2007). Há também famílias formadas com a inclusão dos papéis de padrastos ou madrastas. Isso ocorre em contextos de divórcio ou separação e recasamento, e a família passa a ser denominada polinuclear ou reconstituída. Considerando que o conceito de família está em constante remodelação e integração, há ainda outros arranjos, como casais sem filhos, casais homossexuais, casais com filhos adotivos, amigos que moram juntos e outros, que são incluídos quando se pensa em família, em suas funções e papéis exercidos (Neto, et. al., 2016).

Na prática, algumas vezes esses arranjos se entrelaçam, onde a família nuclear vive com membros da família extensa, a família extensa vive com a família polinuclear, não se limitando apenas em seus arranjos tradicionais. Dentre essas mudanças, a que chama a atenção para o estudo refere-se às famílias que precisam se reorganizar diante da saída dos adultos cuidadores principais de casa para o trabalho e/ou da ausência deles por algum outro motivo, deixando os filhos aos cuidados da família extensa, como avós, tios, primos, o que configura um novo arranjo familiar (Amazonas et. al., 2003). Em decorrência disso, o presente estudo usa termos que sejam amplos ao se dirigir a quem assume a responsabilidade de cuidados, educação e afetividade dos adolescentes. Considerando os significados segundo o dicionário, que serão citados a seguir, para o termo “pais”, decidimos usar os termos “cuidador” e o termo "responsável”.

Dicionário Online de Português[[1]](#footnote-1):

Pais:

“Casal formado pelo pai e pela mãe, e antepassados, ancestrais”

Cuidador:

“Que ou quem trata, toma conta de alguém ou algo e que ou aquele que se mostra zeloso, diligente para com outrem”;

Responsável:

“Que ou aquele que responde pelos seus atos ou pelos de outrem; que têm condições morais e/ou materiais de assumir compromisso”.

As concepções de famílias devem ser consideradas atualmente para além do do vínculo sanguíneo, de definição por lei ou pela formação tradicional, ou seja, devem valorizar os aspectos afetivos e relacionais entre os membros (Morais et al, 2014). E mesmo diante da identificação e estudos sobre os diversos arranjos familiares, não é possível afirmar que um desses arranjos seja mais benéfico e vantajoso para seus membros (Amazonas et al, 2003). Atentando para a complexidade existente sobre o tema, faz-se pertinente a utilização da abordagem sistêmica como um instrumento eficaz para envolver e compreender todas essas mudanças em sua leitura, pois considera a família e suas trocas dentro e fora do sistema, ou seja, entre os membros do sistema e destes com o meio em que vivem (Morais et al, 2014).

## A Adolescência na Perspectiva Sistêmica: O Indivíduo na Família

De acordo com o ciclo de vida da família, ela é o primeiro contexto de capacitação e socialização do indivíduo, sendo o desenvolvimento familiar e relacional constituído de estágios e de uma forma transgeracional (Camicia et al, 2016). Diferentemente de outras abordagens que apresentam apenas a influência da parentalidade, nesse estudo e abordagem concebemos a existência de influência mútua exercida entre os membros (Morais, et al, 2014). Considerando que os papéis e dinâmicas se reajustam na fase da adolescência - foco do presente estudo - é necessário entender as mudanças que nela ocorrem.

O adolescente busca sua independência e individualidade; a adolescência é um período em que o indivíduo passa por muitas mudanças, como a expansão do pensamento lógico, idealista e egocêntrico. É a fase da puberdade, do das experimentações afetivo-sexuais (Morais, et. al., 2014). Na verdade, a adolescência é um período marcado pela ambiguidade em relação ao que é a dependência, pertencimento e autonomia nas relações; o adolescente procura discernir no que ainda se identifica a partir do que foi aprendido na família e os valores que já não cabem para si. É um momento de reflexão crítica (Reichert, 2011).

Neste sentido, o adolescente se mostra ainda ligado ao sistema familiar, apontando para uma necessária readaptação do sistema, pois é na fase da adolescência que os pais deixam de ter total autoridade sobre o sujeito e os filhos começam a ser afetados por novos valores, ideais e novos indivíduos como os amigos; são abertas novas fronteiras, sendo para famílias mais rígidas um grande desafio lidar com as novidades e a falta de controle (Carter & McGoldrick, 1995). As questões de gênero aparecem também como pontos de conflitos na adolescência, principalmente em famílias com filhos adolescentes de ambos os gêneros, visto que as restrições impostas às meninas ainda são maiores; porém a fase da adolescência também é ideal para mudanças e conscientização sobre os papéis de gênero, mesmo que sua base de crenças seja influenciada pela família e pais (Carter & McGoldrick, 1995).

Os pais/cuidadores necessitam, assim, entender a individualidade desses adolescentes a fim de propiciar convívio menos conflituoso e de maior liberdade para que eles se conheçam e expressem seus sentimentos e afetividades (Reichert, 2011). A rejeição à abertura e ao reajuste no sistema familiar é um movimento negativo no relacionamento familiar, visto que o adolescente deixa de poder experimentar o que há de novo nessa fase contando com a família como suporte, e para os pais/cuidadores/responsáveis, surge a frustração, pois é exigido dar conta de controlar essas mudanças, quando não há de fato como fazê-lo, pois esse processo de mudanças, de abertura de fronteiras, faz parte do ciclo de desenvolvimento do indivíduo e da família (Carter & McGoldrick, 1995).

Portanto, as fronteiras familiares flexíveis nesse período da vida são importantes, no sentido de a família colocar-se à disposição para auxiliar o adolescente a se tornar independente. Isto porque, quando as fronteiras são nítidas e flexíveis, há uma aproximação entre os sujeitos, fornecendo um ambiente de apoio nos momentos em que não conseguem lidar sozinhos com situações adversas e permitindo que os adolescentes vivenciem suas próprias experiências e escolhas (Carter & McGoldrick, 1995). Visto isso, o diálogo se torna uma parte importante para o bem-estar familiar; a comunicação e respeito mútuo entre os criadores e os adolescentes tendem a proporcionar um desenvolvimento e relacionamento mais saudáveis (Morais et al, 2014).

Considerando, então, que um dos fatores importantes nessa fase é a construção entre os adolescentes e os pais/cuidadores de uma relação afetiva segura e de qualidade independente do arranjo família (Mota & Matos, 2011), contextos que não favorecem o desenvolvimento deste tipo de relação, podem provocar mal-estar aos adolescentes. Este fator poderá repercutir em futuros relacionamentos, considerando que a tendência nesses casos é a tentativa de cobrir os sentimentos negativos através de expectativas em um outro relacionamento ou até mesmo criando barreiras emocionais em outros relacionamentos (Camicia et al, 2016). Assim, apesar de inicialmente considerar que a família pode funcionar como um ambiente de proteção, ela podeapresentar fatores que também oferecem risco aos adolescentes, como por exemplo quadros de depressão, agressividade, evasão escolar, comportamentos de risco, e uso de drogas, que atentam para a integridade e saúde física e mental (Reichert, 2011).

## O Adolescente, a Família Extensa e os Papéis Construídos nessa Relação

Pensando na proteção do adolescente, é necessário considerar os casos em que é vital a formação de uma nova estrutura familiar, como nos de separação dos pais, conflitos constantes entre eles, ou distanciamento por outros fatores, evidenciando a necessidade de desenvolver uma nova rede de apoio ou de se aproximar de alguns membros da família extensa. Emergem os avós, tios e irmãos como possibilidade de fonte de apoio e segurança emocional para esses adolescentes, principalmente quando há ruptura com os pais ou eles se tornam indisponíveis. Nesses momentos, faz-se necessária reestruturação familiar e reorganização de papéis, principalmente da figura paterna e materna, visto que quem desempenha esses papéis são os principais responsáveis pela educação desses adolescentes (Mota & Matos, 2011).

É comum que os membros da família assumam papéis estereotipados, seja de marido, esposa, mãe ou pai. Entender como funcionam esses papéis em uma família auxilia a entender a dinâmica, a rigidez e a reciprocidade nas relações (Nichols & Schwartz, 2007). Mesmo com o fato de a família extensa já fazer parte do contexto do adolescente, há um movimento de reestruturação de papéis quando sua responsabilidade é transferida para essa família. Porém, considerando casos em que o adolescente não teve o rompimento com os pais, mas tem sua criação dividida entre os membros da família extensa, percebe-se que as tarefas feitas por esses membros e sua vinculação com o adolescente podem causar na família uma desorganização no exercício dos papéis, visto que pode gerar conflito entre a responsabilidade que cada um exerce para com o adolescente (Cardoso & De Brito, 2014).

Na perspectiva dos jovens, no momento em que sua criação é atribuída a um membro da família extensa - mais especificamente às avós - as cobranças e exigências vindas delas se tornam tão pertinentes quanto as dos pais, sendo comum nesse momento as avós assumirem os papéis parentais. Isso pode causar confusão em relação a quem obedecerá e suas referências (Dias, Hora & Aguiar, 2010). Porém considerando contextos de vulnerabilidade por exemplo, onde o adolescente exercia o papel de cuidador da família (mãe, pai e irmãos), a entrada da avó como cuidadora desse adolescente pode ser considerada positiva, visto que o adolescente poderá sair do papel de cuidador anteriormente assumido, e voltar ao papel de filho o que poderá refletir em seus comportamentos e desenvolvimento (Penso & Sudbrack, 2004).

Os papéis desempenhados dentro da família extensa poderão ser influenciados pela diferenciação do *self*. Se o adolescente é diferenciado, mantém um controle maior de suas emoções, de sua comunicação, deixando de lado os conflitos emocionais da família e sendo ativo no processo de adaptação familiar. Se ele é indiferenciado, assume papéis mais passivos ou agressivos, apegando-se à ação de culpar algo ou alguém, tendo dificuldade de assumir sua autonomia, gerando dependência do outro. Percebe-se que há papéis para além daqueles comumente executados dentro do contexto familiar, como quando um membro exerce o papel de amigo ou de profissional, por exemplo. Esses papéis devem ser valorizados por serem latentes ao indivíduo e positivos para sua adaptação (Nichols & Schwartz, 2007).

A ajuda prestada por outros membros da família extensa é de suma importância em contextos de desamparo. A família extensa pode ocupar um lugar importante na vida dos adolescentes (Camicia et al, 2016). E apesar dos desafios vividos para a readaptação familiar e de papéis, é exposto que adoções intrafamiliares podem propiciar mais saúde mental às crianças e adolescentes do que os que passam pelo processo de adoção por outras famílias. Ressalta-se que a criação pela família extensa pode ser positiva no sentido de proporcionar - mesmo na ausência dos pais - uma noção de pertencimento à família (Mainetti & Wanderbroocke, 2013).Considerando o momento de transição, onde há o afastamento da família nuclear e integração a família extensa como principal cuidadora, presume-se que a influencia exercida pelos membros da família nuclear secem, porem família nuclear é levada pelo adolescente em todo o percurso de vida, sendo que para alguns esse afastamento toma o significado de crescimento e para outros, o receio do reencontro, o medo de se conectar a sentimentos negativos (Nichols & Schwartz, 2007).

# Método

## Metodologia de Investigação

O presente estudo empregou como metodologia de pesquisa a abordagem qualitativa. Isso porque a pesquisa qualitativa tem como objetivo compreender o sujeito em sua complexidade, sem delimitar o sujeito a um contexto e perguntas restritivas, possibilitando a compreensão do fenômeno estudado de forma ampla, profunda e na perspectiva do sujeito; classificando e descrevendo processos de determinados grupos ou sistemas e contribuindo com processos de mudança (Diehl & Tatim, 2004). A produção de conhecimento somente se faz possível através da interação e relação, sendo um processo construtivo-interpretativo, com foco na valorização da informação e da singularidade do sujeito (González Rey, 2005). Geralmente, a pesquisa qualitativa tem suas análises voltadas para micro processos, obtendo uma significativa variedade de materiais, exigindo do pesquisador leituras aprofundadas dos dados coletados, além da capacidade de análise e junção (Martins, 2004).

## Participantes e local

Para esta pesquisa foram entrevistados dois adolescentes, ambos do gênero masculino, criados por membros da família extensa. O participante 1, que usaremos a letra “V” para citá-lo ao longo do estudo, é um adolescente de 14 anos, criado pela avó materna e o irmão. O participante 2, que usaremos a letra “J” para citá-lo ao longo do estudo, é um adolescente de 14 anos, criado pelos tios maternos. A amostra foi escolhida por conveniência, a qual consiste na seleção dos indivíduos da população em estudo que demonstram mais acessibilidade, colaboração ou disposição em participar da pesquisa (Freitag, 2018). Foram utilizados como determinantes de exclusão do estudo fatores de risco como adolescentes em intenso sofrimento psíquico, violentados e/ou em processo judicial, com tentativas de autoextermínio, além de adolescentes com transtornos como (transtorno do espectro autista (TEA), deficiência intelectual (DI), deficiência auditiva, etc.). Esta escolha deu-se a partir da compreensão de que a participação de tais indivíduos implicaria acessar um público vulnerabilizado. Dado o contexto de pandemia de COVID-19, o suporte necessário para o acolhimento de possíveis estresses provenientes da pesquisa seria dificultado. Todo o procedimento de coleta de dados foi feito de maneira virtual. O contato inicial e entrevista com os adolescentes e seus responsáveis ocorreram pelo aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp*. A data, horários e plataforma utilizada foram escolhidos de modo conjunto com os participantes, de modo a facilitar a comunicação entre pesquisador e cuidadores e de privilegiar o participante a escolher um local adequado para a entrevista, assim preservando o sigilo, a privacidade e a espontaneidade da comunicação.

## Instrumentos

Para chegar aos objetivos da pesquisa e fazer uma possível reconstrução da história e perspectiva dos (as) adolescentes analisados pela pesquisa foi utilizada a entrevista semiestruturada (Apêndice C), que se estrutura por meio de programar questionamentos específicos, com temas relevantes que façam uma retrospectiva de alguns fatos (Alonso, 2016). Contém questões pré-definidas, com o objetivo de guiar o encontro com o participante, e operar como facilitador a condução ao tema central do estudo, sem excluir uma interação genuína entre o participante e pesquisadora; considerando a liberdade entregue a ambos de exporem questões não abordadas nos registros (Lima, 2016)**.**

## Procedimento para Construção das Informações

Em observação à Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e resoluções complementares que estabelecem as diretrizes éticas nacionais, inicialmente o projeto de pesquisa (CAAE nº 45922821.5.0000.0023) foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética (Anexo A) em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), por envolver pesquisa com seres humanos. Para promover a redução dos riscos oferecidos aos participantes advindos da situação internacional que envolve a entrevista semiestruturada, considerados mínimos, foram realizados todos os procedimentos éticos e adaptações para o contexto de crise sanitária, advindo da pandemia do COVID-19.

Após a aprovação do Comitê de Ética (Anexo A), a pesquisadora solicitou, via redes sociais, o auxílio de sua rede de apoio para o alcance de potenciais participantes do estudo. Os critérios de inclusão foram ter idade entre 12 e 18 anos e estar sendo criado por membros da família extensa ao menos durante o período da adolescência. A escolha foi feita a partir do contato com os cuidadores responsáveis do adolescente e verificação da disponibilidade para a participação.

O primeiro contato ocorreu com os cuidadores/responsáveis dos adolescentes. Neste momento foi esclarecido sobre o que se tratava o estudo e enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice A). Após os adultos concordarem com o termo e assina-lo, foi estabelecido contato com o adolescente, a fim de verificar se estavam dispostos a participar e, com a afirmativa, foi enviado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE (Apêndice B). Ambos os termos apresentaram linguagem acessível e estão de acordo com a faixa etária, esclarecendo os procedimentos, termos da pesquisa e possíveis riscos. Todos os participantes ficaram com uma cópia do termo, que foram assinados e enviados de maneira digital. Nestes documentos, a pesquisadora se comprometeu a manter o sigilo das informações dadas pelos interlocutores da pesquisa e não revelar a identidade deles.

Para construção do estudo, a pesquisadora esteve atenta a sinais verbais e não verbais de desconforto, por parte dos participantes. Garantiu-se, ainda, o respeito de seus valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como seus hábitos e costumes. Evidenciou que a participação da pesquisa tem caráter voluntário e que o participante poderia abandoná-la a qualquer momento sem prejuízos.

Após os procedimentos anteriores, foi combinado com o adolescente dia e horário do segundo encontro. Foi solicitada a autorização para gravação do áudio do segundo encontro, ressaltando o compromisso em preservar o sigilo e privacidade. Cada entrevista teve em média 30 minutos. Após transcrição dos áudios, foi feita a leitura do material a fim de analisar as informações. Ao final da análise, conclusão do estudo e apresentado à banca o trabalho final, a pesquisadora marcará um novo encontro com o adolescente e sua família com a finalidade de apresentar alguns dos resultados da pesquisa e dar uma devolutiva a eles.

## Procedimentos para a Análise das Informações

Partindo dos pressupostos da metodologia de pesquisa qualitativa em psicologia, optou-se pela análise de conteúdo de caráter construtivo-interpretativo, proposta por González Rey (2005). Dentro desta metodologia de análise de informações, indicadores e zonas de sentido são construídos após a transcrição, leitura do material empírico e interpretação do pesquisador (González Rey, 2005).

Os indicadores são categorias que abrigam as falas, as observações e o silêncio do material empírico. Definissem como os elementos que adquirem significação por meio da interpretação; e construídos sobre a base da informação implícita e indireta, representando um momento hipotético no processo de produção da informação. Essas categorias produzidas constituem-se em instrumentos para a definição de zonas de sentido sobre o problema estudado. Tem existência nos espaços de inteligibilidade produzidos na pesquisa científica e que não esgotam o que é estudado, pelo contrário, geram a possibilidade de novas ações sobre a realidade, como também o surgimento de novos conhecimentos (González Rey, 2005).

Assim, no presente estudo, inicialmente foram delimitados eixos de análise, norteados pelas hipóteses e objetivos propostos. A partir destes eixos e após a leitura do material, foram construídos indicadores e a partir destes, as zonas de sentido que nortearam a discussão da pesquisa.

# Resultados e discussões

Participaram do estudo 2 indivíduos, ambos do gênero masculino. Para melhor identificação dos indivíduos no estudo usaremos letras do alfabeto ao se referir a cada um, sendo o participante 1 identificado pela letra “V” e o participante 2 sendo identificado pela letra “J”. O participante V, é um adolescente de 14 anos, que é criado pela avó há mais de três anos, tendo anteriormente morado com a mãe e o irmão também na casa da avó. V contou que sua criação sempre foi compartilhada com a avó, mas que passou a viver na casa sem a presença da mãe, após ela se casar. J é o participante 2, um adolescente de 14 anos, que é criado por um casal de tios, o qual a tia é irmã da sua mãe. J relata ter sido criado desde aproximadamente 2 anos pelos tios, disse que sua chegada a família ocorreu por que sua mãe é enfermeira e trabalhava em muitos plantões. Em ambos os casos os adolescentes ainda têm contato com as mães esporadicamente.

Diante da construção e interpretação das informações coletadas, foi possível evidenciar 2 zonas de sentido, são elas “A chegada à família extensa e a relação com a mãe biológica” e “a percepção afetiva e organizacional dos papéis familiares", que são constituídas por indicadores internos em comum.

## Zona de sentido 1: A chegada à família extensa e a relação com a mãe biológica

Nessa zona de sentido serão discutidos a chegada à família extensa e a relação com a mãe biológica, a partir dos indicadores: configurações familiares, o entrelaçar dos arranjos e a ausência do pai biológico.Os adolescentes apresentam sua chegada a família atual como um movimento natural, contando sobre suas mães biológicas em diversos momentos da conversa, e não abordando do assunto sobre o pai biológico.

É importante elucidar que a família como microssistema consiste em uma relação de interdependência, no qual a mudança de uma das partes do sistema gera um movimento e mudança mútua em todo o sistema (Morais et. al, 2014). A busca por estabelecer novas maneiras de se relacionar com os membros do microssistema inclui ter um olhar sensível para as mudanças, para o passado, presente e futuro (Camicia et al, 2016). Essas transições são nítidas ao olhar para as trajetórias dos participantes.

"Minha mãe morava aqui, aí ela teve dois filhos e foi morar com o esposo dela. ”, “eu sempre morei com minha avó. No início eu fiquei bastante triste, nos primeiros dias, mas depois eu acostumei, mas também eu vejo ela, então fica tranquilo. ” (Participante V).

“(...) eu era bem bebezinho mesmo, 1 a 2 anos”, “na real, bem explicadinho não, mas basicamente é por causa que minha mãe trabalhava em Goiânia aí eu vinha ficar aqui” (Participante J).

É evidenciado na fala de V que o processo de saída da mãe biológica foi um momento de emoções intensas, de perda e luto, seguido de reorganização de suas emoções; podendo comparar o impacto dessa situação ao processo vivido por famílias que passam pelo divorcio dos genitores onde duas pessoas que assumem as figuras parentais se separam (Mota & Matos, 2011). A presença da mãe de V em sua vida, como descrito por ele, demonstra ser um relacionamento bastante significativo. Observa-se um relacionamento de coparentalidade, ou seja, onde há cooperação e alinhamento sobre o cuidar e educar, entre a mãe, avó e o irmão, para com o adolescente, a qual não necessariamente envolve nenhum outro fator relacional entre quem está assumindo esse papel, além da atenção para o adolescente (Camicia et al, 2016)

Anteriormente ao rearranjo familiar, ambos os adolescentes eram criados pelas mães, que assumiam as responsabilidades de maneira solo, dos filhos, casa e financeiro, sendo esse um contexto que tem crescido a cada ano nos lares brasileiros, que estão cada vez mais sendo assumidos por mulheres (Amazonas et al, 2003). Segundo os dados do IBGE, em 2001, 27% dos lares brasileiros tinham como principal figura de referência, como chefe da família, uma mulher; esse número cresceu para 40% até o ano de 2015. É observável que as transições culturais proporcionaram a possibilidade de mudanças para essas mães biológicas, considerando a possibilidade de independência financeira da mulher, de se divorciar e ter outros relacionamentos afetivos. O compartilhamento das funções parentais e as diferentes formas de exercê-las é viável, visto que ambas as mães ainda se fazem presente em algum nível na vida dos filhos (Morais et al, 2014).

“se pudesse escolher moraria eu, minha avó, meus dois irmãos mais novos, minha mãe e meu irmão mais velho, como era antes. Acho que ia ser mais legal o dia a dia. Minha mãe do meu lado toda hora. Acho que ia ser melhor” (Participante V).

“é que as vezes eu durmo na minha avó, na minha mãe, mas maioria eu durmo aqui, morar mesmo é só com eles, desde pequenininho” (Participante J).

Nos dois casos, vemos o entrelaçamento dos arranjos familiares (Morais et al, 2014). O que significa que ambos os adolescentes já tinham contato ou viviam com a família extensa antes dos pais biológicos se ausentarem e que ainda mantém a família extensa e as mães biológicas como uma rede de apoio. No caso de V, a família se organizava através da coresidência, movimento onde três gerações habitam o mesmo lar, sendo comum em nosso país que isso ocorra para proporcionar melhor qualidade de vida para todos os envolvidos, promovendo apoio mútuo e amparo em diversos momentos (Dias et al, 2010). V demonstrou ainda almejar retornar a essa dinâmica familiar, evidenciando que era positivo estar nesse local, com a participação de todos os membros.

Durante todo o diálogo a presença do pai só foi citada uma vez por cada participante, com as falas descritas a seguir:

“Nunca morei com meu pai” (participante V).

“nunca morei com ele, e não tenho muito contato, faz uns dois três meses que não vejo ele” (Participante J).

A pesquisadora neste momento da pesquisa, percebeu desconforto nos participantes, através de comportamentos como desvio de assunto e resposta lacônica. O desconforto evidenciou-se também em comportamentos não verbais, como mudança nos semblantes. Assim prezando pelo bem-estar dos participantes, não insistiu no atual assunto; mas foi levantada a questão da presença paterna na criação dos adolescentes e na família. A fragilidade da relação do homem/pai com o filho pode dizer também sobre a ausência dele para com a família como um todo (Benczik, 2011), visto que a presença do pai biológico não foi citada em nenhum momento pelos filhos, mesmo ao descreverem situações que não envolvessem apenas a família nuclear.

Essa zona de sentido foi organizada levando em consideração a necessidade de elucidar a pluralidade e flexibilidade dos arranjos familiares, visto que os adolescentes utilizaram do parâmetro relacional para definir a configuração e composição familiar. (Neto et. al., 2016). Pensando na perspectiva de composição de família considerando não somente a ligação sanguínea, mas tambem a questão relacional, é possível conduzir-se a segunda zona de sentido. Onde será observado como esses jovens entendem e descrevem o entrelaçar dos arranjos e a presença dos membros; visto que através dos indicadores foi possível perceber que apesar da ausência do pai biológico, a mãe biológica surgiu em muitas falas dos participantes, o que afastou o estudo da perspectiva de considerar a criação com a família nuclear e com a família extensa de maneiras separadas.

## Zona de sentido 2: a percepção afetiva e organizacional dos papéis familiares.

Nessa zona de sentido serão discutidos os papéis identificados pelos adolescentes dentro da configuração familiar atual, a partir dos indicadores: reestruturação de papéis, relação de cuidado, educação e valorização do diálogo. Percebe-se que ambos os adolescentes relacionaram os papeis desempenhados pelos cuidadores aos papeis comumente vinculados a figura paterna e materna, o que reflete na determinação de regras, tarefas e comportamentos esperados.

“Acho que minha avó, mais como uma mãe, e meu irmão mais como um pai.” (Participante V).

“É (uma família) normal, o pai, a mãe e o filho, só que são disfarçados de tios”. (participante J).

Mesmo que as famílias estejam assumindo novas configurações, e que os adolescentes estejam trazendo de forma clara os papéis exercidos por cada membro da família, foi possível perceber que, diante dessa nova reestruturação, foi colocado pelos participantes da pesquisa, de maneira subjetiva, a busca pelo imaginário social de família nuclear tradicional, onde dois indivíduos heterossexuais assumem o papel de pai e mãe com seus filhos. (Amazonas et al, 2003). Contudo, é evidenciado que essa reestruturação pode ser considerada bem-sucedida quando pensamos na proteção desses adolescentes, pois, diante do afastamento das mães biológicas, foi assumido pelos cuidadores/responsáveis atuais dos adolescentes esse local de cuidado e educação; o principal indicador desse movimento o reconhecimento efetuado pelos adolescentes dos papéis desempenhados pelos cuidadores, assumindo os papéis parentais (Mota & Matos, 2011)

“Minha avó (que faz as regras e delega tarefas). Meu irmão é mais tipo na parte de educação, de conversar, de aconselhar.” (Participante V).

“(sobre o papel de cuidado) ah, minha avó né, porque meu irmão por agora não tô muito convivendo com ele, porque ele tá na casa da namorada dele, mas se não seria ele também” (Participante V).

“Hoje é tranquila, antes a gente brigava mais” (Participante J).

Mesmo diante da identificação de V com o irmão como uma figura paterna, que educa e cuida, traz também a relação como de irmãos, onde há conselhos, conversas, auxílio nos momentos de transição, como a saída da mãe. Segundo Mota & Matos (2011), os irmãos são também fontes de conselhos e apoio frente aos conflitos e dúvidas que surgem na adolescência, sendo eles geralmente escolhidos pelos adolescentes como figuras primordiais após as figuras parentais; quando o relacionamento entre irmãos tem uma base segura, é comum que o irmão seja visto como porto seguro, auxiliando frente a situações conflituosas, melhor gestão emocional e adaptação. Observa-se, também, que o irmão surge como o indivíduo que proporciona certa estabilidade frente a mudança (Mota & Matos, 2011). Para J o relacionamento com os irmãos não foi muito citado, esclarecendo apenas que os vê quando vai na casa da avó materna, e que mantém uma relação tranquila.

“Minha vó, me mima mais” (Participante V).

“Quando eu vou pra minha avó, fico brincando com meus primos né, conversando com minha vó, brincando com meu avô e minha avó.” (Participante J).

Para ambos os adolescentes, a figura materna foi citada como importante e presente, as avós maternas oferecem maior disponibilidade para os netos desde a primeira infância. Assim, para V, apesar da avó compartilhar o papel materno com a mãe biológica, o papel de avó é reconhecido por ele como fator de cuidado desde antes da saída da mãe; e para J a avó apresenta um lugar emocional e físico de acolhimento e cuidado, visto que citou as vezes sentir que também mora lá, por dormir e poder estar lá sempre que quer.

A relações em que os avós desempenham papéis como de cuidador, de amiga, de conselheira e de brincadeiras são positivas para o desenvolvimento dos adolescentes, na medida em que o investimento de tempo e afetividade nessa relação pode cooperar para melhor ajustamento emocional, podendo ser um fator protetivo frente às situações de transição, da ausência dos pais e rearranjos familiares como passado por eles (Mota & Matos, 2011). A presença das avós, principalmente da avó de V, assume uma nova estrutura relacional exatamente pelas mudanças ocasionadas pela saída das mães como cuidadora principal; exercitando um compartilhamento do maternar com as avós desde antes de executarem de fato o rearranjo familiar, que assumem assim as responsabilidades da criação dos netos (Cardoso & De Brito, 2014). Ainda sobre V, percebe-se em sua fala que a avó demonstra mais afetividade e menor rigidez diante de sua educação, o que é descrito em bom tom pelo adolescente, evidenciando que esse pode ser um fator positivo para seu desenvolvimento nessa fase (Penso & Sudbrack, 2004).

“É muito estranho chamar ele de tio, vou chamar ele de pai tá bom?” (Participante J).

“mais próxima a mim é minha mãe, minha mãe que é minha tia” (Participante J).

Ao falar sobre arranjos familiares, é exposto não somente como esses membros se denominam, quais papéis dizem ter, mas também sobre como esses membros se relacionam entre eles e com o mundo. A família pode ser descrita por relações afetivas, que envolvem solidariedade, ajuda, afeto, amor, onde os indivíduos desempenham os mais diferentes papéis (Neto et al, 2016). A formação familiar atualmente diz mais sobre a disponibilidade para o outro, o poder de escolha de estar com o outro, do que da ligação sanguínea (Morais et al., 2014). Desse modo, os relacionamentos familiares descritos por os adolescentes evidenciam essas ideias, expondo que, apesar da ligação sanguínea e dos papéis desempenhados, a formação familiar inclui o vínculo afetivo-relacional como mais importante requisito.

“Mais próxima e que cuida mais de mim é minha mãe, minha mãe que é minha tia. Ela é tranquila comigo, me entende. Às vezes não, né?! Claro. Mas ela me entende na maioria das coisas, ela conversa muito comigo, conversamos de tudo… de praticamente tudo.” (Participante J).

“Acho q minha mãe é a mais próxima, porque quando eu vejo ela eu converso mais da vida com ela” (Participante V).

Para os adolescentes o membro mais próximo da família não é aquele que exige mais, que dá mais ou menos tarefas, mais ou menos cuidado, mas sim o membro que se faz mais disponível para o diálogo. Este dado evidencia que a adolescência exige que os pais estejam abertos a reestruturar a maneira de lidar com esses indivíduos, permitindo que haja maior autonomia para tomada de decisão, mas sem deixar de dar suporte emocional, proporcionando espaços de direcionamentos e conversas, auxiliando que o adolescente comece a se ver como responsável pelo seu lugar no mundo. (Carter & McGoldrick, 1995). As mães, nesse caso, assumem também o papel de amiga dos filhos, sendo de extrema importância para o auxílio da adaptação nesse contexto de rearranjo familiar (Nichols & Schwartz, 2007).

Esta zona de sentido elucidou como ocorre a dinâmica família incluindo não somente os cuidadores principais, evidenciando em determinados momentos a dualidade de papeis assumidos por alguns dos membros, corroborando com a ideia da zona um de flexibilidade e entrelaçamento. Os indicadores permitiram perceber os diversos relacionamentos dentro da estrutura familiar, além de mostrar características dessas relações que são importantes para os participantes.

# Considerações finais

Ao longo deste trabalho, foi possível compreender as perspectivas dos adolescentes diante do seu contexto e arranjo familiar, e abarcar tais percepções em duas configurações familiares diferentes, as quais apresentaram semelhanças e diferenças muito evidentes. Porém, é importante ressaltar que ambos os adolescentes demonstraram estar sob cuidado de pessoas que assumiram de fato a responsabilidade sobre eles, mesmo que em um dos casos os papéis ainda estejam instáveis. Apesar de considerar alguns pontos específicos de cada história, não há uma avaliação de qual arranjo familiar é melhor ou pior, visto que não há garantias de que uma estrutura familiar específica seja mais benéfica ou patologizante (Mainetti & Wanderbroocke, 2013).

Independente do rearranjo familiar, no caso dos adolescentes deste estudo, ambos tiveram sua criação feita por membros da família extensa que já eram próximos a família nuclear anteriormente. Consideramos que esse foi um fator que influenciou positivamente nesse processo de readaptação e percepção positiva sobre a família. Segundo Mainetti & Wanderbroocke (2013) crianças e adolescentes que passam pela adoção intrafamiliar, ou seja, que são adotados por algum membro da família extensa tem a sensação de pertencimento a família de origem, proporcionando o desenvolvimento de uma boa saúde menta, o que significa menores chances de desenvolver sofrimento psíquico intenso, quadros de depressão, ansiedade, entre outros; auxiliando também na melhor adaptação a mudança do arranjo familiar.

Percebe-se que, apesar de contextos e momentos de vida semelhantes, houveram algumas diferenças entre os participantes. Ambos trouxeram comparações entre o arranjo familiar atual com a família extensa e o arranjo familiar anterior, visto que J apresenta melhor aceitação e satisfação com o arranjo familiar em que vive; enquanto V ainda mantém determinada esperança de retornar a configuração familiar anterior, relatando que seus dias seriam melhores com a presença da mãe. Assim, evidencia-se que como sugere a pergunta de pesquisa, há uma comparação entre os arranjos familiares, porém não houve aprofundamento por parte dos participantes nesse aspecto, demonstrando ser um desejo de um deles, porém que isso não causa um impacto negativo tão significativo.

Surge como hipótese de que essa diferença de expectativa dos participantes pode ocorrer devido ao tempo em que cada família se reestruturou; J vive com os tios assumindo as figuras parentais desde muito jovem, portanto já apresenta em suas falas estar adaptado a esse arranjo, onde já se observa determinada estabilidade nas relações e papéis desempenhados; o que possibilita pensar que em seu caso há uma configuração familiar que sempre foi na família extensa. Enquanto V, apesar de ter sua criação compartilhada pela avó, irmão e mãe desde a infância passou há pouco tempo pelo afastamento da mãe, e a tomada de maiores responsabilidades desempenhadas pelo irmão e avó; passando por uma reconfiguração familiar, adotando a família extensa. Além disto, para V há também a chegada de três novos membros na vida da mãe, que são os dois irmãos mais novos e o padrasto.

Foi possível, através da construção dos resultados retornar aos objetivos de pesquisa possibilitando verificar como ocorre a relação entre os adolescentes e sua família, como os papeis foram redistribuídos, suas percepções e sentimentos diante disso. Possibilitou também compreender que os arranjos familiares podem ser bastante amplos, considerando que há o envolvimento da figura materna biológica no convívio desses adolescentes com uma frequência alta. Compreendeu-se que apesar do desejo de um dos participantes de retornarem ao arranjo familiar que incluía a mãe, ambos os adolescentes expressaram sentimentos positivos quanto aos novos cuidadores e ao novo arranjo.

Não obstante a hipótese de pesquisa ter se pautado na diferença entre a criação na família nuclear e na família extensa, não foi possível verifica-la neste trabalho especificamente, visto que pareceu mais emergente nas falas dos adolescentes a percepção do arranjo atual, e em determinado nível até mesmo a falta de referência de um arranjo familiar que não fosse o que estão vivendo agora, visto que a criação deles pela família extensa é algo que vem desde muito novos. A pesquisadora privilegiou dar voz a essa tentativa de elaborar suas posições frente às famílias.

Por fim, alerta-se a necessidade de estudos que objetivem abranger os diversos aspectos advindos do tema da criação pela família extensa de crianças e adolescentes, visto que encontrou-se poucos os artigos que tivessem como foco a criação feita por membros como tios, irmãos e primos. A literatura aborda de forma extensa pesquisas realizadas com adolescentes criados por suas avós. Percebe-se, no presente estudo, que houve muitos caminhos inexplorados nessas relações, que ocorreram pela restrição de tempo e contexto atual de pandemia. Assim, sugere-se, para futuros estudos, a utilização de mais tempo e recursos, para possibilitar conhecer outras redes de apoio desses adolescentes, explorar o fator da idade, considerando a exploração do mundo, a independência, e pertencimento a grupos. Ressalta-se que o estudo desse tema pode gerar contribuições para profissionais de diversas áreas, que exercem cuidados a esses jovens e famílias. A compreensão dos novos arranjos familiares, de modo a considerar as relações afetivas como principais indicadores de relacionamento, e a identificação dos próprios adolescentes sobre as figuras que os orientam, proporciona um melhor atendimento as necessidades de cuidado e proteção a eles.

# Referências Bibliográficas

Alonso, A. (2016). *Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução*. São Paulo: Sesc São Paulo/CEBRAP.

Amazonas, M.C.L.A., Damasceno, P. R., Terto, L.M.S., & Silva, R.. (2003). Arranjos familiares de crianças das camadas populares. *Psicologia em Estudo*, v. *8* (spe), pp. 11-20. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722003000300003>

Benczik, E.B.P. (2011). A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Revista Psicopedagogia*, v. *28* (85), pp. 67-75. <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000100007&lng=pt&tlng=pt>.

Brêtas, J.R.D.S.; Ohara, C.V.D.S.; Jardim, D. P.; Junior, W.D A.; De Oliveira, J. R. (2011). Aspectos da sexualidade na Adolescência. *Ciênc. saúde coletiva* v.6 (7), pp. 3222-3228.

Camicia, E.G.; Da Silva, S. B.& Schmidt, B. (2016). Abordagem da Transgeracionalidade na Terapia Sistêmica Individual: Um Estudo de Caso Clínico. *Pensando familias*, v.20 (1), pp. 68-82. <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000100006>

Cardoso, A.R.; De Brito, L.M.T. (2014). Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? *Psico-USF Bragança Paulista,* v.19(3), pp.433-441.

Cardoso, J.; Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação*. Análise Psicológica,* v.4 (XXXI), pp.393-406. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/viewFile/807/732>.

Dias, C.M.S.B., Hora, F.F.A., & Aguiar, A.G.S., (2010). Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. *Psicologia: teoria e prática*, v.12 (2), pp. 188-199. <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000200013&lng=pt&tlng=pt>.

Dicionário Online de Português. Retirado de < <https://www.dicio.com.br/pais/>>.

Diehl, A.A. & Tatim, D.C., (2004). *Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas* (p. 48-60) São Paulo: Prentice Hall.

Freitag, R. M. K. (2018). Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência? *Revista Estudos da Linguagem* v. 26 (2), pp. 667-686.

González Rey, F. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção de informação.* São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

IBGE, Perfil das pessoas de referência das famílias ou domicílios. 2001-2015 https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=6&op=0&vcodigo=FED307&t=pessoas-referencia-familia-sexo

Lima, M. (2016). *O uso da entrevista na pesquisa empírica. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Sesc São Paulo/CEBRAP.

Mainetti, A.C & Wanderbroocke, A.C.N.D.S. (2013). Avós que assumem a criação de netos. *Pensando famílias*, v.17 (1), pp. 87-98. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1679-494X2013000100009&lng=ptt lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100009&lng=pt&tlng=pt).

Martins, H.H.T. S. (2004). Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, v. *30* (2), 289-300. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200007>

Morais, N. A., Lima, R., Fernandes. J. (2014). Adolescência e contexto familiar. Hibigzang, L. F., Diniz, E., Koller, S.H. (Orgs). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica*.Porto alegre: Artmed. Cap. 7, p. (101-117)

Mota, C. P. & Matos, P. M. (2011). *Adolescência e conflitos interparentais: uma perspectiva de resiliência. Famílias: questões de desenvolvimento e intervenção*. FPCEUP: Livpsic.

Neto, É.F.P., Ramos, M.Z., & Silveira, E.M.C. (2016). Configurações familiares e implicações para o trabalho em saúde da criança em nível hospitalar. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. *26*(3), 961-979. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312016000300013>

Nichols, M.P.; Schwartz, R.C (2007). Evolução da terapia familiar. In: *Terapia familiar: conceitos e métodos.* Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 7ed.

Penso, M.A., & Sudbrack, M. F. (2004). Envolvimento em atos infracionais e com drogas como possibilidades para lidar com o papel de filho parental. *Psicologia USP*, v.15 (3), pp. 29-54. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642004000200003>

Preto, N. G. As mudanças no clico de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. (1995). Em: Carter, B; McGoldrick, B. & colab. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar.* (pp 7-29). Porto alegre: Artmed.

Preto, N. G. Transformação do sistema familiar na adolescência (1995). Em: Carter, B; McGoldrick, B. & colab. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar.* (pp 223-247). Porto alegre: Artmed.

Reichert, C. B. (2011). Educar para a autonomia: desafios e perspectivas. Em: A. Wagner, et. al.. D*esafios psicossociais da família contemporâneas: pesquisas e reflexões*, (pp.89-99). Porto alegre. Artmed.

Yunes, M.A.M., Garcia, N.M., & Albuquerque, B.M. (2007). Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 20 (3), pp. 444-453. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-7972200700300012>

# Apêndices

## Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (para responsáveis)

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**

**(para responsáveis)**

**Adolescentes e suas perspectivas: um estudo de caso sobre sentimentos, relações e papéis na família extensa**

**Instituição dos pesquisadores: Centro Universitário de Brasília (UniCEUB)**

**Professora orientadora: Sandra Eni Fernandes Nunes Pereira**

**Pesquisadora [aluna de graduação]: Ana Paula Augusto Faleiro**

Seu neto (a)/sobrinho (a) (ou outra pessoa por quem você é responsável) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. A colaboração dele(a) neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deixará o adolescente pelo qual você é responsável participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida permitir sua participação, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A pesquisadora deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

**Natureza e objetivos do estudo**

O objetivo deste estudo é compreender os sentimentos, papéis e relações desenvolvidas entre o adolescente e seus responsáveis/cuidadores quando estes se configuram como membros da família extensa (avós, tios, primos)

O(A) adolescente está sendo convidado(a) a participar por ter idade entre 12 e 18 anos e por ser criado pela família extensa.

**Procedimentos do estudo**

* A participação dele (a) consiste em responder as perguntas da pesquisadora durante a entrevista.
* Os procedimentos são: uma entrevista com o adolescente que será gravada e mantida em sigilo, somente as pesquisadoras terão acesso
* Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
* A entrevista será realizada por videochamada.
* O encontro será realizado respeitando-se a privacidade do adolescente, objetivando o conforto, a intimidade e o vínculo entre cada participante e a pesquisadora.

**Riscos e benefícios**

* Este estudo possui riscos mínimos, tais como pequenas alterações do quadro emocional relacionadas aos conteúdos das narrativas explicitadas.
* Medidas preventivas de suporte psicológico serão tomadas durante a participação nas entrevistas para minimizar qualquer risco ou incômodo.
* Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, ele não precisa realizá-lo.
* Com a participação do(a) adolescente nesta pesquisa, ele(a) poderá contribuir para melhor compreensão dos sentimentos, papéis e relações desenvolvidas com seus responsáveis/cuidadores quando estes se configuram como membros da família extensa.

**Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**

* A participação é voluntária. A pessoa por quem você é responsável não terá nenhum prejuízo se você não quiser que ele(a) participe.
* Ele(a) poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
* Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela participação dele(a)neste estudo.

**Confidencialidade**

* Os dados dele(a) serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
* Os dados e instrumentos utilizados (entrevista) ficarão guardados sob a responsabilidade de Carolina dos Santos Fonseca com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
* Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar o nome dele(a), instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada a privacidade de quem você é responsável.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a participação dele(a) no estudo.

Eu, \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em consentir que ele(a) faça parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor (a).

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_de \_\_\_\_\_\_\_

Responsável Legal por \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Izabella Rodrigues Melo/Izabella.melo@ceub.edu.br

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Ana Paula Augusto Faleiro, pesquisadora assistente, Cel. 981397612

## Apêndice B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – Adolescente

**Termo de Assentimento livre e esclarecido -TALE**

**Adolescentes e suas perspectivas: um estudo de caso sobre sentimentos, relações e papéis na família extensa**

**Instituição dos pesquisadores: Centro Universitário de Brasília (UniCEUB)**

**Professora orientadora: Sandra Eni Fernandes Nunes Pereira**

**Pesquisadora [aluna de graduação]: Ana Paula Augusto Faleiro**

Você sabe o que é assentimento? Significa que você concorda com algo. No caso desse documento, significa que concorda em participar dessa pesquisa.

Antes de decidir se quer ou não participar, é importante que entenda o estudo que está sendo feito e o que ele envolverá para você.

Apresentamos esta pesquisa aos seus responsáveis e eles sabem que também estamos pedindo sua concordância. Se você deseja participar, os responsáveis também terão que concordar. Mas você é livre para fazer parte ou não desta pesquisa, mesmo se seus responsáveis concordarem. Não tenha pressa de decidir.

Também poderá conversar com seus responsáveis, amigos ou qualquer um com quem se sinta à vontade para decidir se quer participar ou não, e não é preciso decidir imediatamente.

Pode haver algumas palavras que não entenda ou situações que você queira que eu explique mais detalhadamente, porque ficou mais interessado(a) ou preocupado(a). Nesse caso, por favor, peça mais explicações.

**Natureza, objetivos e procedimentos do estudo**

* O objetivo deste estudo é compreender os sentimentos, papéis e relações desenvolvidas entre o adolescente e seus responsáveis/cuidadores quando estes se configuram como membros da família extensa (avós, tios, primos)
* Você vai participar respondendo as perguntas da entrevista e falando o que você acha/sente sobre os temas que serão conversados.
* O que vai acontecer é: se houver concordância, a assinatura desse documento e então realizaremos a entrevista, que vai ser gravada, mas apenas as pesquisadoras terão acesso.
* Você não fará nada além do que estamos explicando neste documento.
* A pesquisa será realizada por videochamada

**Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**

* Sua participação é voluntária, ou seja, você só participa se quiser e, de acordo com as leis brasileiras, não receberá dinheiro nem presentes pela sua participação neste estudo. Ninguém vai cobrar dinheiro de você ou de seus responsáveis, ou vai tratá-lo(a) mal se não quiser participar.
* Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento, bastando para isso falar com um dos pesquisadores responsáveis.
* Conforme as normas brasileiras sobre pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá dinheiro nem presentes pela sua participação neste estudo.

**Confidencialidade**

* Seus dados ficarão somente com os pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas
* O material com as suas informações (gravação da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora com a garantia de que ninguém vai falar de você para outras pessoas que não façam parte desta pesquisa e será destruído após um período de 5 anos (as gravações serão excluídas).
* Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.
* Caso ocorram danos causados pela pesquisa, todos os seus direitos serão respeitados de acordo com as leis do país. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada.

Se quiser falar algo ou tirar dúvida sobre como será/está sendo tratado na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também envie um e-mail ou ligue para informar se algo estiver errado durante a sua participação no estudo.

Este Termo Assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo(a) pesquisador(a) responsável, e a outra ficará com você.

**Assentimento**

Eu, \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_, (se já tiver o documento), fui esclarecido(a) sobre a presente pesquisa, de maneira clara e detalhada. Fui informado(a) que posso solicitar novas informações a qualquer momento e que tenho liberdade de abandonar a pesquisa quando quiser, sem nenhum prejuízo para mim. Tendo o consentimento do meu(minha) responsável já assinado, eu concordo em participar dessa pesquisa. Os(As) pesquisadores(as) deram-me a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Participante

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Izabella Rodrigues Melo/Izabella.melo@ceub.edu.br

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Ana Paula Augusto Faleiro, pesquisadora assistente, Cel. 981397612

## Apêndice C - Entrevista Semiestruturada

1- Com quem você mora atualmente?

2- Você se recorda de algum período em que morava apenas com seus pais?

3- Como é para você ter uma família como a sua?

4 - Como você a descreveria?

5 - Vocês têm tarefas em casa? Como isso funciona?

6- Quem você considera que faz as regras em casa?

7 - Quem mais te cobra?

8- Quem você acredita que cuide de você?

9 - Como foi sua chegada a essa família ou a chegada de novos membros nela?

10- Descreva sua relação com a pessoa que você considera mais próxima a você.

11- Descreva a relação com a pessoa que você considera mais distante a você.

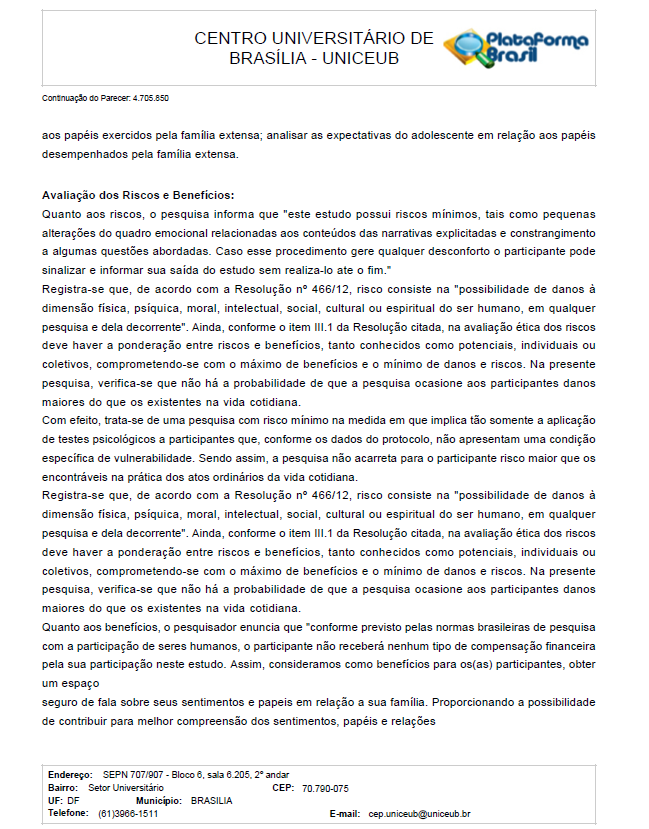
12- Se você pudesse escolher, como seria sua família?

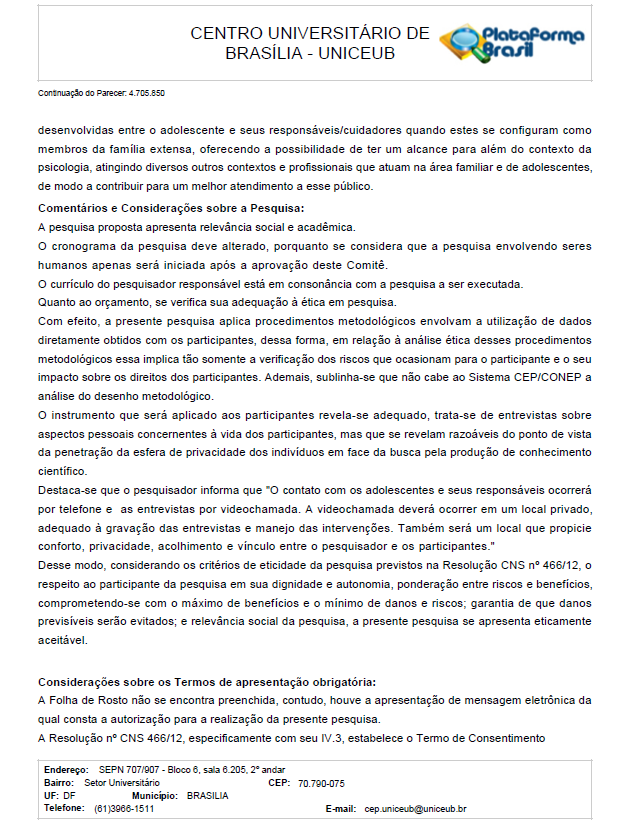
13- O que você acha que poderia ser diferente?

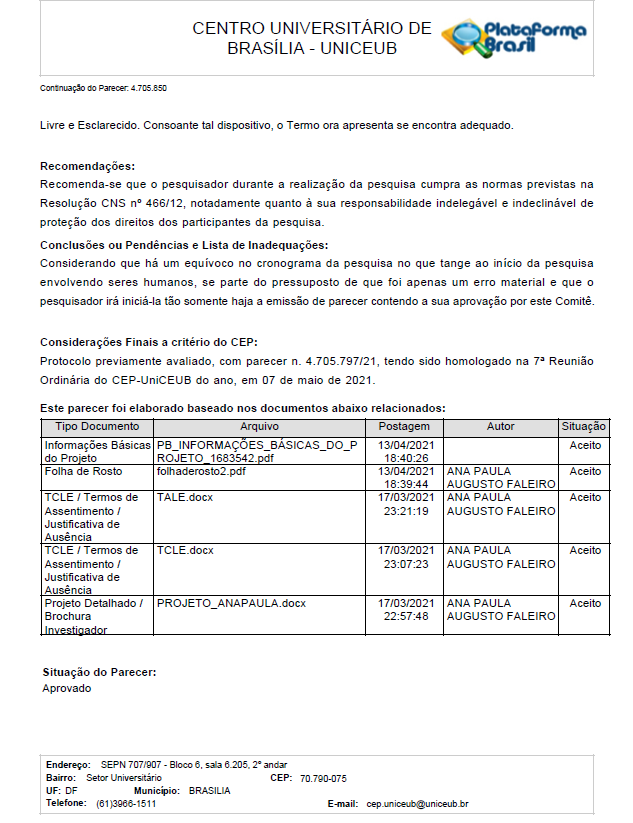
14- O que cada um faz na família?

# Anexos

## Anexo A – Parecer final Plataforma Brasil







1. Retirado de: <https://www.dicio.com.br/> [↑](#footnote-ref-1)